

## PACOTE

Antonio Cunha



A Sala Funarte aqui em Brasília, recém-pintada: estrutura administrativa que há muito andava caindo aos pedaços

ASSIS ÂNGELO

Correspondente/SP

O artista plástico Marcelo Nitsche, coordenador da Funarte de São Paulo, está sempre sintonizado ao seu tempo histórico e estético. Na decantada Nova República ele foi o responsável pela marca usada na campanha de Tancredo Neves. Aqueles dois traços pincelados verde-amarelo, coisa que terminou por influenciar os dois eles de Collor (sem a participação de Marcelo). Ele concorda com a extinção do órgão que vinha coordenando e justifica tudo como um "matou-se o que já estava morto".

— **Jornal de Brasília —** — **Fernando Collor assumiu a presidência da República e anunciou a Nação o projeto "Brasil Novo" que, ao que se diz, atingiu como um torpedo a classe artística nacional, extinguindo alguns órgãos considerados de alguma importância, como a Embrafilme, Fundacen e Funarte. Você, como coordenador regional da Funarte, em São Paulo, o que tem a dizer?**

— **Marcelo Nitsche —** Concordo em parte com o projeto "Brasil Novo" do presidente Fernando Collor. O setor cultural do governo precisa, sim, ser redimensionado, revisto. Concordo até com a extinção da Fundação Nacional de Arte, órgão que há muito tempo vinha sofrendo de alguns males terríveis, como a falta de funcionários. Em São Paulo, nem dinheiro suficiente dispúnhamos para levar adiante os nossos projetos. Portanto, a Funarte, com a estrutura que tinha, já vai tarde.

— **Você fala em falta de funcionários e dinheiro. Quantos funcionários tem ou tinha a Funarte e qual o orçamento do ano passado?**

— Aqui, em São Paulo, tínhamos 16 funcionários. Trabalhamos, ano passado com a volumosa verba de 23 mil cruzados novos. Isso mesmo! 23 mil cruzados novos! Mesmo assim, promovemos 32 espetáculos musicais na Sala Guiomar Novais, 12

# O Estado decide autenticar o funeral da arte

O Diretor da Funarte em São Paulo, acha que é mesmo melhor acabar que ficar como estava

exposições de fotografias e outras 12 de artes plásticas em nosso espaço cultural. Na verdade, a Funarte, como outros órgãos do governo, existia para manter e acomodar a situação do funcionalismo público.

— **Qual o papel do governo no setor cultural? Você entende que o governo deve tutelar a arte?**

— Acho que o governo deve dar importância à arte e não tutelá-la no sentido de fazer com que o artista fique dependente dele. Entendo que o governo deve apoiar, incentivar a criação artística. Acho também que deva ser criado outro órgão com as características da Funarte, mas que funcione, e que seja dirigido por artistas, por pessoas que tenham de fato afinidades com a arte. Acho que o governo deve patrocinar, promover a busca de conhecimentos, da criação, do novo. Acho que é obrigação do governo destinar recursos para as atividades culturais e científicas.

— **Você quer dizer que os ór-**

**gãos culturais até então existentes não estavam cumprindo fielmente essa função?**

— Sim. Existia — vamos ser claros —, muito "cabide" de emprego. Agora vamos ver o que acontece daqui pra frente. Por isso achei importante o anúncio de extinção de alguns desses órgãos. É preciso que se mude a mentalidade política de algumas categorias, inclusive a artística, que é muito acomodada e acha que o governo deve subsidiar tudo. A Lei Sarney, por exemplo, virou um cancro. Já acaba tarde. Só atendeu aos privilegiados e se manteve extremamente centralizada no Rio de Janeiro, a partir mesmo do Ministério da Cultura, que também foi extinto. Os "ipaneenses" sempre se acharam no direito de comandar os destinos da cultura do País. Pode?

— **Qual a importância da arte para a sociedade?**

— É a de contribuir para que a sociedade, num todo, tenha consciên-

cia de que a qualidade de vida pode ser melhor. A função do artista é criar e conscientizar a sociedade, especialmente sobre a necessidade e possibilidade de condições de vida melhor.

— **Você então acredita no projeto "Brasil Novo" propalado pelo governo Collor? Está torcendo para que dê certo?**

— Sim, acredito mesmo, embora não tenha sido Collor o meu candidato à presidência da República. Torço para que esse "Brasil Novo" que a gente tanto desejou possa agora acontecer. O curioso nisso tudo é que Collor está espelhando o desejo de muitos de nós que éramos de certa forma contra o seu programa de governo.

— **A arte, então, não tem sexo e ideologia?**

— É por aí. A arte não tem sexo e nem ideologia. A nossa ideologia, como artista, é, repito, melhorar as condições de vida do ser humano. A finalidade da arte é tornar viável a vida do ser humano.

— **Conscientizar as pessoas para a existência do belo?**

— É. O belo é viver bem.

— **Você concorda com a manifestação de alguns setores artísticos — o cênico, principalmente —, contra a política cultural de Collor?**

— A nível de Funarte, acho que não nos cabe reivindicar nada que esteja ligado ao passado. Temos que somar. Mas o que se vê por aí é um grande medo de mudança. Vislumbro grandes mudanças, grandes surpresas, para o setor artístico cultural do País. Estávamos mais ou menos viciados na velha estrutura. Não podemos ter medo de nada.

— **Nota-se também da parte da classe artística um poder de fogo muito grande em cima da decisão de suspender ou extinguir a Lei Sarney. Algo a dizer?**

— A Lei Sarney trouxe muitas vantagens para os empresários. Com ela, as empresas conseguiram montar fundações e, claro, enriquecer seus acervos. Repito: essa lei já vai tarde!